

ANÁLISE DE POEMA PUBLICADO EM SUPORTE DIGITAL: INTERNET, GRAMÁTICA E A RUPTURA COM MECANISMOS DE CONTROLE DE PRODUÇÃO

Arzório Cardoso (UTFPR)¹

Alice Atsuko Matsuda (UTFPR)²

RESUMO: Este artigo tem o objetivo de analisar o poema “páginas do orkut”, de autoria do poeta Alvaro Posselt, a partir da premissa de que há novas formas de configurações textuais na linguagem da internet, e que tais novas abordagens, em virtude da forte influência da oralidade, atuam na ruptura com velhos dogmas e prescrições da Gramática Normativa. Analisaremos pormenorizadamente o poema e o cotejaremos com outros exemplos de abordagens textuais retirados da rede. Para tanto, utilizaremos como principal referencial teórico a obra *Ordem do Discurso*, de Michel Foucault, utilizando como apoio artigos que tratam da literatura digital e, ainda, outros autores que tratam da importância da linguagem verbal, como George Steiner.

PALAVRAS-CHAVE: linguagem; oralidade; internet; literatura digital.

ABSTRACT: This paper aims to analyze the poem *páginas do orkut*, authored by the poet Alvaro Posselt, from the premise that there are new forms of textual configurations in the internet language, and that such new approaches, due to the strong influence of orality, they break with old dogmas and prescriptions of Normative Grammar. We will analyze the poem in detail and compare it with other examples of textual approaches taken from the web. For this, we will use as main theoretical reference the work *Ordem do Discurso*, by Michel Foucault, using as support articles that deal with the digital literature and also other authors that deal with the importance of verbal language, such as George Steiner.

KEYWORDS: language; orality; internet; digital literature.

*“páginas do orkut
essa tal de gramática
naum c diskut”
(POSSELT, 2012)*

Publicado originalmente em uma das páginas da antiga rede social Orkut, antes de ser editado em livro, o poema acima, de autoria do poeta e haicaiísta curitibano Alvaro Posselt, traz algumas marcas bastante curiosas a respeito de um tema que tende a tornar-se cada vez mais profícuo: a presença de marcas da oralidade em textos publicados na Internet; e, nesse caso específico, a presença dessas marcas na produção artística que tem como suporte os meios digitais.

¹ Mestre em Estudos de Linguagem e Tecnologia pela UTFPR, 2019-2020.

² Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina, UEL, Brasil, 2005-2009.

A visada que pretendemos adotar na elaboração deste artigo terá como eixo norteador a interpretação, amparada pelas leituras dos textos lidos na disciplina Literatura em meios digitais, do mestrado em Estudos de Linguagem e Tecnologia (UTFPR), ministrada pela professora Alice Matsuda. Tais leituras serão cotejadas com autores externos, que são marcos importantes em outros trabalhos que ambicionamos apresentar durante o mestrado.

Em termos analíticos, portanto, o primeiro fato que gostaríamos de enfatizar, em relação ao poema, é que no registro de termos como “naum”, “c” e “diskut” parece não ter havido a intenção deliberada de se utilizar de uma licença poética que permitiria ao escritor cometer “deslizes” gramaticais conscientes. Quando se trata de interpretação poética, acreditamos que mesmo das ausências potenciais sentidos podem ser derivados. E, neste caso, a ausência do sinal de aspas (recurso típico da escrita) a indicar que aquilo que foi escrito, foi escrito de forma proposital, parece funcionar aqui como uma espécie de piscadela do autor, que talvez quisesse nos dizer o seguinte: “aqui escrevi assim porque aqui se escreve assim”. A presença das aspas num termo como “naum” acabaria por funcionar como uma ressalva, uma concessão do autor, que indiretamente estaria acatando a forma ortográfica “não” como correta, ao indicar que a forma adotada em seu texto original seria um “erro” deliberado, configurando o poema como uma crítica à flexibilidade gramatical adotada por muitos usuários da internet.

Sustentamos, no entanto, que não é essa a intenção da voz que emerge do poema, ou, para utilizarmos a terminologia teórica de Umberto Eco, não é essa a intenção do texto. Em vários de seus livros e, principalmente, nos *Seis passeios pelos bosques da ficção*, Eco deslinda obsessivamente a relação entre leitor e obra, criando uma nova terminologia teórica. Nomeia 3 entidades que fazem parte de um texto estético, sejam elas a intenção do autor, normalmente muito difícil de descobrir e, para Eco, totalmente irrelevante; a intenção do leitor, que é aquela que “desbasta” o texto até que ele chegue a uma forma que possa servir a seus propósitos; e, a mais complexa delas, a intenção do texto, simbolizada não pelo autor-empírico, físico e real, mas sim pelo autor-modelo, entidade meio fantasmagórica que determina qual tipo de leitor o texto “deseja” que eu seja. A esse tipo de leitor, Eco dá o nome de leitor-modelo, que é aquele que consegue desvendar as estratégias estéticas e estilísticas utilizadas pelo autor-modelo e que, não satisfeito, também quer descobrir precisamente como o autor-modelo fez para guiá-lo. É o que Eco chama, também, de leitor do segundo nível, ou seja, aquele leitor que não está apenas preocupado em saber o enredo e o final da história, mas aquele que faz com que o texto revele toda sua multiplicidade de associações. (ECO, 1994)

O sentido que mais nos parece ser plausível, portanto, no poema de Posselt, é o de que talvez essa flexibilidade ortográfica e gramatical reflita o fato de que ao indivíduo não cabe a

tentativa de controlar a forma do que é produzido na Internet, pois isso seria inócuo; ao indivíduo cabe apenas adequar-se e adaptar-se a um meio que já possui características muito peculiares, características que foram sedimentando-se lenta e gradualmente até se transformarem numa espécie de norma interna que, nesse meio aparentemente impermeável a outras normas (ou ao menos bastante resistente a elas), funciona perfeitamente bem.

E, dessa maneira, chegamos a um dos pontos onde a oralidade e a produção e publicação nos meios digitais se aproximam e se refletem: em ambos não há, a despeito de variadas tentativas, a possibilidade de um efetivo controle da produção de textos. Nem indivíduo, nem setores editoriais, nem a Gramática Normativa, nem o Estado, nem qualquer outra forma institucional abstrata detém esse poder. Assim como a fala, a Internet está na boca e nas mãos de quem a produz. A despeito de patrulheiros gramaticais procederem com monitoramento, ironizarem e tratarem de forma pejorativa os usuários que fogem à norma, numa tentativa de impor seus estreitos limites, uma navegação de poucos minutos pela rede bastará para que concluamos que tais ironias depreciativas não surtem efeito e os usuários seguem fazendo teiados.

Um segundo ponto que gostaríamos de abordar na análise do poema é que ele parece parodiar o próprio meio pelo qual se expressa. E esse tipo de recurso também possui suas raízes fincadas na oralidade. Trocadilhos, tiradas, parodizações são meios que a fala utiliza para autocriticar-se, para desnudar-se diante de si e, não obstante, para rir do inusitado dessa situação e de sua própria falta de pudor e de suas roupas de corte fino atiradas ao chão. A escrita, através de um suporte digital nitidamente influenciado pela oralidade, parece também estar perdendo sua antiga timidez. A escrita, positivamente, está ficando malcomportada. Arroubos de formalidade e sisudez estão dando lugar a propostas mais leves e humanas. E, o que é melhor, mais prazerosas. E o festivo exemplo do poema de Posselt parece fornecer-nos exatamente isso: o riso debochado e galhofeiro diante dos trajes sociais austeros envergados pelas autoridades normativas. *Ridendo castigat mores*, diz o provérbio latino.

Grande parte da dinamicidade da fala se deve ao fato de que ela olha para si, olha para sua própria estrutura e então decide desestruturar-se para, em seguida, assumir seu renovado aspecto. A escrita na internet, livre de antigas amarras, incorporando as mudanças linguísticas que acordos ortográficos exageradamente espaçados no tempo não permitem que cheguem até ela, talvez esteja caminhando na mesma direção, o que significará uma mudança absolutamente abrupta e sem precedentes, já que as traçadas linhas sempre foram lugar privilegiado de conservadorismos puritanos e elitistas.

Não por acaso o poema cita “essa tal de gramática”. Símbolo maior do conservadorismo linguístico, a gramática normativa e suas cadeias parece que tiveram seu acesso negado ao libertino mundo virtual. A expressão “essa tal”, no poema, tem exatamente a função de denunciar esse distanciamento, de deixar nítido o abismo intransponível entre a gramática excessivamente normatizante e a produção, artística ou não, feita na Internet. A gramática, que sempre olhou com desdém e escárnio e relegou ao isolamento aqueles que não a dominavam, destituída do sentido prático que o imediatismo da Internet necessita, parece agora estar recebendo o troco na mesma moeda: foi bloqueada no Messenger, excluída do Facebook, descurtida no Instagram.

Em seu livro *A Ordem do Discurso*, que é a transcrição de sua aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 1970, Michel Foucault assevera que há, em toda sociedade, mecanismos muito rígidos de distribuição e controle da produção dos discursos, dentre os quais insere-se o discurso normativista da Gramática. Para que um determinado conjunto de enunciados possa ser considerado gramaticalmente legítimo, é forçoso que o indivíduo ultrapasse determinados estágios, etapas, que se insira numa ordem pré-estabelecida que visa assinalar a palavra com os signos da autenticidade. “Há coisas que não podem ser ditas porque existem mecanismos rígidos de controle que impedem a produção de determinados discursos” (Foucault, 1996). E, em outro ponto:

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância (...) (FOUCAULT, 1970, p.9).

É justamente com esse sistema de ordenação dos discursos, com essa tentativa de controle sobre o que deve ou não ser escrito (ou de que forma deve ser escrito) que os usuários da internet rompem. Numa abrupta inversão da ordem estabelecida, o discurso até então dominante da Gramática Normativa vê-se agora tendo de enfrentar os mecanismos bastante eficientes de controle existentes na Internet, mecanismos que se encontram exclusivamente na mão dos internautas, artistas ou não. E, na verdade, trata-se de um mecanismo bastante simples: a recusa silenciosa em aceitar como legítimas as tradicionais prescrições que se arrogam o direito de afirmar o que, na língua, é certo ou errado.

Em seu livro *Linguagem e Silêncio: ensaios sobre a crise da palavra*, o eminente crítico literário George Steiner afirma que toda palavra é uma tentativa de contenção, uma tentativa de circunscrever o mundo em limites precisos e ordenados. Ora, se toda palavra circunscreve o mundo, era mesmo de se esperar que aqueles que detêm o poder de prescrever o que é certo ou

errado no mundo das palavras atuassem firmemente. Ao garantir que as palavras sejam escritas do modo como consideram certo, atuam diretamente na preservação de sua própria visão de mundo, relegando os signos do erro e da ignorância aos que não seguem seus ditames. A resistência dos normativos é, portanto, uma tentativa de garantir como hegemônicas, ou mesmo exclusivas, suas verdades. Mas as novas roupagens linguísticas confeccionadas na internet rompem de forma eloquente com tais exclusivismos e jogam na mesa outras cartas, outros valores, outras visões de mundo, antes marginalizadas, e que agora entram em cena para relativizar aquelas realidades fossilizadas.

No Artigo *Literatura na tela do computador: a coletânea de Literatura Eletrônica de Katherine Hayles e algumas experiências no Brasil*, cujo objetivo é investigar as possibilidades da criação literária diante das novas tecnologias, Marcelo Spalding, parafraseando Katherine Hayles, afirma que a literatura digital é movida pelos motores da cultura contemporânea; é, portanto, múltipla e acaba atuando sobre e redirecionando o papel do escritor, que precisa lidar com mais ferramentas técnicas. Cada vez mais a escrita encontra novos suportes digitais, e – ponto nevrálgico – isso faz com que a própria textualidade se reconfigure o tempo todo. Parece-nos que o poema de Posselt exemplifica eficazmente essas descrições de Hayles, pois nos fornece uma nova abordagem textual e rompe abruptamente com os velhos paradigmas normativos com um drible, passe de mágica, golpe de capoeira que os deixa no chão.

Isso não significa, por suposto, que a produção escrita na internet prescindia de padronizações e regras internas. Toda linguagem, para se efetivar como tal, precisa de um código que seja convencionalmente compartilhado por todos. Mas as padronizações que há são particulares a esse meio e já foram apropriadas e assimiladas por seus usuários. Ninguém põe em dúvida o significado do verso “naum c diskut” ou a ideia de que ele é uma espécie de transcrição fonética que leva em consideração o que as pessoas realmente falam. Registros como “hehehe” ou :-) também não são postos em dúvida e todos sabem o que querem dizer, o que significa que já ocorreu a sedimentação de um determinado código, e que esse código já foi assimilado pelos usuários e por eles é reproduzido. É o surgimento de uma nova linguagem, e, por que não dizer, de uma nova língua. Há normas, mas normas internas e funcionais que nascem no seio das microrrelações existentes no próprio meio. É o poder surgido não de cima para baixo, não a partir de relações verticalizadas e hierarquizadas de poder, mas no meio, na teia, na rede, a partir de relações horizontais que dispensam hierarquias.

Foucaultiana essa tal de internet.

Em seu livro *Microfísica do Poder*, Foucault assevera que há formas de poder que divergem das que têm no Estado e em outras instituições seu grande centro irradiador. Para o

pensador francês, há poderes periféricos, capilarizados, atomizados e horizontais que não foram absorvidos pelo aparelho do Estado. A tais poderes, Foucault deu o nome de microrrelações de poder, que são exercidas em níveis e em pontos diferentes da teia social, e entre indivíduos que não são separados por alguma categoria hierarquizante e, portanto, não podem exercer forças coercitivas e repressoras sobre o outro. Não há verticalidade em suas relações de poder, mas horizontalidade. (FOUCAULT, 2018).

É o que nos parece que ocorre dentro da dinâmica dos processos de cristalização de formas ortográficas alternativas, no universo da internet. São as microrrelações entre os indivíduos, os acordos tácitos, as reiteraões e rechaços que determinam a aceitação ou não da forma alternativa pela comunidade de usuários. Não há votação formal, não há controle externo verticalizado. Há, sim, a consolidação do novo a partir de uma dialética implícita, sujeita ao dinamismo que é inerente às relações humanas desierarquizadas, na rede mundial de computadores ou fora dela.

Avançando para um outro momento desta análise, no artigo “Escola aprendente: comunidade em fluxo”, de Maria Helena Silveira Bonilla, que compõe o livro *Cibercultura e formação de professores*, organizado por Maria Teresa de Assunção Freitas, a autora afirma que as tecnologias digitais representam uma virada conceitual, à medida que não são mais extensões da força ou dos sentidos, mas são tecnologias intelectuais, pois atuam sobre o próprio pensamento. E esse pensamento, agora, se desdobra em rede, horizontalmente, sem um centro organizador. O que há é simultaneidade, não linearidade, ações descentralizadas, não hierarquia. Tais características, ainda segundo Bonilla, representariam uma nova morfologia da sociedade, que é difusa e reorganiza-se todo o tempo, diluindo noções de certo/errado, bom/ruim. Nessa espécie de inteligência coletiva, cada nó contribui para o enriquecimento de todo o grupo, potencializando processos horizontais. É o que a autora chama de cidadania eletrônica, na qual a participação efetiva dos sujeitos é possibilitada pela tecnologia. Através dos canais de publicação, retira-se o privilégio da posse do conhecimento, já que este foi gerado dentro da comunidade.

À medida que as pessoas se comunicam, se organizam em torno de objetivos comuns (...) criando uma cultura da participação coletiva e processos de aprendizagem que não é simplesmente a conformação ao que já existe nem tampouco construção a partir do nada” (Bonilla, 2009, p.30)

E é dentro dessas novas perspectivas de organização que se movimentam as produções textuais no mundo digital, artísticas ou não. Numa lógica aparentemente livre de amarras normativas, a escrita vê-se cada vez mais influenciada pela materialidade da língua oral, que

sempre se modificou mais rápida e livremente. Aliás (como um breve parêntesis), registros como *-* , :-o ou :-) são interessantíssimos, pois parecem emprestar à escrita recursos de expressão facial até então dela completamente ausentes devido aos seus limitados recursos gráficos. É a necessidade coletiva sendo responsável pela criação de novos instrumentos.

É claro que esse tipo de recurso não substitui nem de longe a riqueza das expressões faciais e tampouco o contato físico entre as pessoas, o que reforça um certo caráter caricatural da escrita em relação à fala. Dessa forma, a nobreza e supremacia atribuídas à escrita, a partir do reconhecimento desses fatos, devem agora ser vistas com uma boa dose de relativismo.

Voltando ao poema, outro ponto que consideramos importante e emblemático é que a escolha do vocabulário funciona como uma amostra da hibridização ocorrida entre fala e escrita. Palavras como “páginas” e “gramática”, que claramente se reportam ao universo da escrita, convivem com palavras como “discussão” e com espécies de transcrições fonéticas que têm a intenção de nos remeter ao universo da oralidade. É o suporte escrito dando espaço à voz humana, e é a voz humana encontrando meios para não ser levada pelo vento e, dessa maneira, tornar-se perene; é a escrita descobrindo os prazeres e o dinamismo da fala, e é a fala se apropriando do poder de eternidade ofertado pela escrita. É um caminho sem volta e talvez o início do fim de uma dicotomia extremista e ingênua. Extremista porque quer segregar; ingênua porque não percebe a inter-relação que sempre houve entre escrita e fala.

Mas não há que desesperar-se, já que o período é de transição e até que as vozes contrárias se acomodem ainda se faz necessário um certo período de tempo, pois, como já preconizava Marshal McLuhan:

“(…) O choque inicial...se vai dissipando, à medida que a comunidade inteira absorve o novo hábito...A verdadeira revolução, contudo, somente se efetiva nessa fase posterior e prolongada de ‘ajustamento’ de toda vida pessoal e social ao novo modelo de percepção estabelecido pela nova tecnologia” (McLUHAN,1977).

A despeito de absolutamente plausível a ideia de McLuhan, entretanto, difícil ainda pensar em um completo ajuste social se essa nova tecnologia, que tem como símbolo máximo a internet, ainda é severamente excludente, pois, pelo menos em países menos desenvolvidos, o acesso a ela ainda é bastante restrito.

Sobre esse ponto destacado acima, Bonilla, em seu artigo supracitado, comenta sobre um dos problemas mais críticos da contemporaneidade: a exclusão digital. As tecnologias de informática e comunicação podem reproduzir e exacerbar as desigualdades, revelando-se verdadeiros *apartheids* digitais.

Políticas de inclusão digital tentam atenuar a exclusão, mas ainda que sejam bem-sucedidas, tais políticas devem ser analisadas com desconfiança, pois incluir significa inserir, introduzir, mas inserir onde? Num modelo de mundo já pré-estabelecido e, talvez, pois ninguém fez-lhes a pergunta, não desejado pelos que serão incluídos. Nesse sentido, ainda segundo a articulista, o que ocorre, na verdade, é uma imposição pela adaptação a um discurso hegemônico. E, além disso, é uma imposição repressiva, pois não se adaptar gera consequências como desemprego ou subemprego.

Há, portanto, um caráter ambivalente na inclusão.

Mas retornando ao ponto central (a influência da oralidade e a recusa às normas prescritivistas), devemos dizer que a influência exercida pela oralidade sobre a produção artística da internet não significa necessariamente que a obra vá funcionar bem oralmente. O verso “naum c diskut”, por exemplo, perderia seu tom irônico e jocoso caso o percebêssemos apenas pelos ouvidos, ao invés de também pelos olhos. O que demonstra que a reciprocidade e interdependência entre oralidade e escrita seja maior do que pensamos. E isso também nos serve como um ponto de apoio para que não cedamos à tentação de saltar de um extremo ao outro. O equilíbrio é uma virtude perfeitamente atingível, e, se ainda não o alcançamos, é porque adoramos uma boa peleia. Mais isso naum vamu diskuti aki.

REFERÊNCIAS

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Paz & Terra, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Ordem do Discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **Cibercultura e formação de professores**. Belo Horizonte: editora Autêntica, 2009.

HAYLES, Katherine. **Literatura Eletrônica: novos horizontes para o literário**. Trad. Luciana Lhullier e Ricardo Moura Buchweitz. São Paulo: Global, 2009.

McLUHAN, Marshal. **A galáxia de Gutenberg**. Trad. Leônidas Gontijo de Carvalho; Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1977.

POSSELT, Alvaro. **Tão breve quanto o agora**. Curitiba: Editora Blanche, 2012.

STEINER, George. **Linguagem e Silêncio**: Ensaio sobre a crise da palavra. Trad. Gilda Stuart e Felipe Rajabally. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Recebido em: 29/04/2021

Aprovado em: 15/06/2021

Publicado em: 12/08/2021